

Macroeconomia

Âncora verde?

Rogério Mori *
Andréa Damico **

A dinâmica da inflação no Brasil é complexa. Se muitas teorias foram e são criadas para explicá-la, em apenas algumas não há divergências. São os casos da indexação da economia nos períodos de hiperinflação e da sensibilidade a movimentos na taxa de câmbio, após a abertura comercial promovida no início dos anos 1990. Na condução da política monetária, o Banco Central combate a inércia inflacionária e faz uso do maior efeito do câmbio sobre a inflação.

A partir de 2003, três fatos marcam a dinâmica da inflação:

- Primeiro: o processo de desinflação: o IPCA foi de 12,5%, em 2002, 9,3%, em 2003, 7,6%, em 2004, e 5,7%, em 2005.
- Segundo: o custo de elevadas taxas de juros reais e forte apreciação cambial.
- Terceiro: forte assimetria no comportamento dos preços que compõem o IPCA. Os juros reais elevados e o câmbio afetam de forma distinta os diversos itens do IPCA.

Nos últimos três anos o principal responsável pelo “processo de desinflação” foi sem dúvida a baixa variação dos preços dos alimentos. Enquanto o IPCA acumulou alta de 25,5% no período, os preços administrados mostraram variação acumulada de 37,3%; os semiduráveis, de 31,4%, os serviços, de 25,1%, e os da alimentação no domicílio (enquadrado nos não duráveis), com aproximadamente 18% da ponderação do índice, variaram apenas 9,3%.

Já em 2005, este movimento foi ainda mais intenso. Enquanto o IPCA apre-

sentou variação de 5,7%, os preços dos alimentos no domicílio tiveram alta de apenas 0,59% (consideramos apenas a alimentação no domicílio). E ainda mais, nos 12 meses acumulados em fevereiro de 2006, o IPCA acumulou variação de 5,51%, enquanto os alimentos no domicílio variaram -1,21%.

Variação acumulada 2003-2006 (fev-06) no IPCA

Índice cheio	25,5%
Preços administrados	37,5%
Semiduráveis	31,4%
Serviços	25,1%
Duráveis	17,4%
Alimentação no domicílio	9,3%

Fonte: IBGE

A implicação mais direta é que a inflação sem contar a alimentação ainda está “rodando” em torno de 7% no acumulado em 12 meses. Em outras palavras, o baixo patamar de variação dos preços dos alimentos “esconde”, quando se olha apenas para o índice cheio, a rigidez à queda dos demais preços. É bem verdade que estes 7% de inflação acumulada em 12 meses sem alimentação no domicílio contam com um patamar ainda elevado de preços administrados, mas as variações acumuladas em 12 meses, ainda elevadas, dos serviços e dos semiduráveis, merecem ser mencionadas (6,67% e 6,45%, respectivamente).

A resposta mais imediata para explicar as razões desta dinâmica da inflação re-

cente, com baixo patamar de variação dos preços dos alimentos, diz respeito à apreciação do real frente ao dólar.

Os preços dos alimentos são relativamente mais afetados porque possuem uma elevada taxa de repasse da variação cambial e, além disto, este repasse tende a ser mais rápido do que para outros bens.

O mercado de alimentos é:

- Altamente concorrencial;
- Amplamente aberto (tanto em se tratando de trocas quanto no que se refere ao apereamento das *commodities* agrícolas);
- Possui cadeias produtivas relativamente mais curtas.

Mas além do câmbio, ainda que possivelmente em menor magnitude, o arrefecimento dos preços das *commodities* agrícolas no mercado internacional também colaborou para a queda de preços dos alimentos (exceção feita para o café, açúcar, álcool e suco de laranja).

A dinâmica da inflação trouxe, em curto prazo, ganhos sociais inegáveis para as classes menos favorecidas à medida que estas tiveram sua renda real e seu poder de compra majorados. Resta saber se no médio e longo prazos este processo continuará favorável no âmbito social. Afinal, estes novos preços relativos representam forte queda nas taxas de lucro do setor alimentício e do setor agrícola (principalmente), os quais são grandes empregadores e geradores de renda. ■

* Professor e Coordenador do Centro de Macroeconomia Aplicada (CEMAP) da FGV/EESP.

** Mestranda e Auxiliar de Pesquisa do CEMAP da FGV/EESP.

